
A persistência do Medalhão

Alexandre Araújo Costa
Universidade de Brasília (UnB)

Era quase meia-noite quando o pai bateu de leve na porta do quarto.

— Posso entrar?

O rapaz estava deitado, celular na mão.

— Claro, pai. — respondeu, sem tirar os olhos da tela.

O pai entrou devagar, como quem vai tratar de assunto delicado. Não era um homem velho, mas já carregava no rosto aquela certa gravidade de quem atravessou muitas etapas e sabe que o caminho é mais estreito do que parece.

— Hoje é uma noite importante.

— Prova amanhã? — arriscou o filho.

— Não. — O pai sorriu de lado. — Semana que vem você faz vinte anos e eu resolvi te contar um segredo de família.

O rapaz se endireitou na cama, deixando o celular de lado.

— Segredo?

— Sim. Segredo de carreira. — O pai cruzou as mãos. — Você já decidiu, ao menos em parte, o que quer ser?

— Ah, pai... Sei lá. Não penso em largar o direito, mas ainda não sei se quero concurso, advocacia, mestrado...

O pai deu uma risada curta.

— Meu filho, eu não vim falar de cargos. Isso é detalhe. Você pode ser juiz, promotor, advogado... Isso muda pouco. O segredo é outro: o que você precisa é se tornar uma referência.

A palavra “referência” acendeu uma luz no olhar do rapaz. Tinha algo de sedutor, embora ele desconfiasse.

— Referência... tipo um grande jurista?

— Não exagere. — respondeu o pai, sério.

— Eu não falo de erudição, mas de visibilidade. Não estou falando de quem pensa, mas de quem é citado. Não de quem tem razão, mas de quem parece tê-la. Estou falando do medalhão.

O filho franziu a testa.

— Medalhão?

— É. Esse é um nome antigo, mas a ideia não mudou. Seu avô me disse que aprendeu esse conceito lendo Machado de Assis: no conto dele, um pai experiente explica ao filho como se tornar uma figura respeitada sem se expor demais. A lógica não mudou; apenas as ferramentas são outras.

— Não sei se encaro isso como elogio...

— Pois deveria. O medalhão de hoje tem coluna, podcast, perfil verificado, centenas de contatos no LinkedIn, foto no folheto de todo congresso jurídico do país e, de preferência, uma passagem relâmpago por alguma instituição importante.

O filho sorriu enviesado. Sabia que não era bem isso que procurava, mas ouviu.

— Então, pai, o que é que eu tenho de fazer?

O pai respirou fundo, como quem vai explicar um algoritmo complexo.

— Em primeiro lugar, meu filho, é preciso ter um foco específico nos seus estudos. Você precisa aprender muitas coisas, mas sobretudo você precisa aprender a falar com autoridade sobre temas que a maioria das pessoas já conhece, só que de forma mais elaborada.

O rapaz estranhou essa conversa.

— Como assim?

— Veja: não é necessário reinventar a roda. Basta saber reciclar as ideias que já circulam, reformuladas em frases de efeito. Você descobre quais são os cinco conceitos mais discutidos no momento e aprende a combiná-los de forma convincente.

— Mas isso não é meio... raso?

— Superficial, sim; mas produtivo. — disse o pai. — O segredo é falar o óbvio com voz de revelação. Se estiver em vídeo, olhe firme para a câmera. Se estiver num texto, use frases curtas e deixe uma no final que pareça uma epifania.

O filho deu uma gargalhada.

— E se eu quiser dizer algo diferente disso?

— Então você corre o risco de assumir um personagem que deseja ser muito original e, por isso mesmo, vai acabar promovendo ideias que poucos entendem, que são mal interpretadas e que provocam mais confusão do que admiração.

O filho ficou em silêncio, pensando que o pai talvez estivesse sutilmente dizendo que lhe faltava talento e, portanto, seria melhor seguir o caminho seguro da mediocridade elegante.

Entrevendo as dúvidas do filho, o pai resolveu mudar um pouco de assunto:

— Veja, não é que você não precisará de muito conhecimento, mas você não pode perder de vista que o mais importante é transmitir segurança, não sabedoria.

Ele apontou para o celular do filho.

— Veja aí quem são as personalidades mais admiradas do Instagram jurídico. Fotos com livros grossos, poses diante de estantes repletas, frases como “o Direito é a ética em forma de norma”... Eles não descobriram nada novo. Mas parecem ter descoberto. E

isso vale muito.

— E se eu realmente não souber?

— Nunca diga “não sei”. Diga: “é preciso analisar com cautela” ou “a questão é complexa” e, em seguida, recite duas ou três referências que você memorizou para essa situação. O público vai presumir que você sabe mais do que disse.

O filho se mexeu, um pouco desconfortável.

— Tá... e o estudo, onde entra nisso?

O pai inclinou a cabeça.

— Bom, o estudo é necessário, claro, mas não pelos motivos que você imagina. O estudo serve para você não falar bobagens que possam ser desmentidas facilmente. Para isso, é suficiente um verniz sólido sobre os temas mais discutidos. Você não precisa ser o mais profundo, precisa ser o mais fluente.

— Se eu estou entendendo bem, você está dizendo que não vou conseguir ter sucesso no direito... será que eu deveria desistir?

— Não, pelo contrário. Estou dizendo que você não deve desistir tão facilmente do caminho que te levará ao sucesso, só porque esse caminho parece um pouco desonesto com a vocação que você imagina ter. A vocação é uma narrativa que você constrói sobre si mesmo.

— Mas esse caminho não é meio imoral?

— De forma alguma! Você precisa se declarar comprometido com a democracia e com o Estado de Direito, e você deve ser muito sincero nessa declaração. E deve, com igualmente sincera convicção, criticar tudo aquilo que ameaça esses valores. Contanto que essas ameaças sejam sempre identificadas no campo adversário.

O filho começou a achar tudo aquilo perturbadoramente familiar.

— E o que você acha que a faculdade vai me ajudar a seguir esse caminho? — perguntou.

— A faculdade? — O pai deu de ombros. — Normalmente sim. Algumas cadeiras vão tentar te fazer pensar. Mas a maioria vai te ensinar a reproduzir respostas prontas com boa apresentação. Aproveite bem essas últimas.

— Parece... triste. — O rapaz falou, sem ironia.

O pai o olhou com um misto de afeto e cansaço.

— Triste seria você fazer tanto esforço e morrer na praia por falta de uma orientação adequada. Não devemos ignorar os fatos como são. E o fato é que o campo jurídico recompensa a visibilidade, não a profundidade.

O silêncio durou alguns segundos.

— Então, o que você quer que eu faça? — o filho perguntou.

— A vida é sua. Talvez você fique famoso, dê entrevistas, assine colunas, venda cursos online ou faça palestras em encontros de magistrados. Ou talvez você prefira estudar de verdade, publicar coisas que pouquíssimas pessoas lerão, e viver na obscuridade produtiva de quem realmente pensa. Só não faça a segunda achando que vai colher os frutos da primeira.

O filho não respondeu na hora. Guardou o celular na gaveta, fechou o notebook.

— Posso pensar? — perguntou.

— É um começo. — disse o pai, levantando-se.

Antes de sair, parou à porta:

— Ah, e um último conselho: desconfie de todo jurista que fala como se tivesse respostas para tudo. Há medalhões demais nesse campo. E, às vezes, o mais perigoso é o que está dentro da gente, esperando uma oportunidade.

O filho sorriu, pela primeira vez de um jeito leve.

— Incluindo você?

O pai piscou:

— Sobre tudo eu.